



## Voto de Congratulação

Completaram-se, em Fevereiro passado, os cento e vinte anos do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues, poeta, escritor, professor, dramaturgo, cronista e etnólogo açoriano, nome de referência na cultura, nas letras e na poesia dos Açores e do País.

Armando César Côrtes-Rodrigues nasceu em Vila Franca do Campo a 28 de Fevereiro de 1891. Começou a escola naquela Vila, terminando a instrução primária já em Ponta Delgada, no Colégio Fisher, onde permaneceu até ao 4.º ano do Liceu. Fez o 5.º ano no Colégio Açoriano, completando o curso liceal no Liceu da Graça. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa em 1915, tendo, nessa altura, conhecido Fernando Pessoa e integrado o Grupo do *Orpheu*. Regressa aos Açores em 1917, onde se dedica ao ensino – em Angra do Heroísmo e Ponta Delgada – à escrita e ao estudo da etnografia açoriana.

Morreu a 14 de Outubro de 1971, aos 80 anos de idade, na antiga Rua do Frias (actual Rua José Maria Raposo do Amaral), na casa que é hoje a Morada da Escrita – Casa Armando Côrtes-Rodrigues.

A sua orfandade de mãe, a forte ligação a Vila Franca do Campo e à sua vivência religiosa, bem como a consciência de ilhéu e o respectivo isolamento, marcariam a sua personalidade e a sua obra. “Quando abri os olhos à vida (...) só encontrei meu pai, minha tia, (...) que me criou e a Madre Margarida Teodora do Coração de Maria, a última freira professa do Convento de Santo André (...). A nossa primeira casa tinha um forte sabor religioso (...) na proximidade da igreja do Hospital com a imagem do Senhor da Pedra, cujas jóias eram cuidadas lá em casa, no arranjo da cana e da coroa de espinhos para a sua festa que foi sempre a segunda da ilha. (...) A Vila tinha um ar fundo de convento.”

Durante os cinco anos do curso em Lisboa, Côrtes-Rodrigues mergulharia num mundo novo. Foi apresentado a Fernando Pessoa como quem acabava de chegar da ilha onde nasceu e morreu Antero. Desse tempo, escreveu: “guardo esses cinco anos de convívio diário na intimidade do belo espírito do grande poeta, como a melhor recordação da minha vida.” Contactou, igualmente, de perto com Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros, Alfredo Guisado, Luís de Montalvor, Santa Rita Pintor e José Pacheco, precursores do modernismo em Portugal. O poeta de Vila Franca, como lhe chamavam, emigrado de um meio conservador e tradicionalista, ensaiou, na revista *Orpheu*, o seu deslumbramento com as ideias novas e irreverentes do grupo, publicando os



poemas *No tanque do jardim a tua imagem* e *Sonham comigo as tuas mãos esguias*.

Para alguns estudiosos, os poemas de Armando nos dois primeiros (e únicos) números de *Orpheu* iniciam e encerram a sua fase modernista. Anabela Almeida, que ultima a sua tese de doutoramento sobre o poeta e esteve na comemoração dos cento e vinte anos do seu nascimento em Ponta Delgada, não acolhe essa visão. Considera Côrtes-Rodrigues modernista e tradicionalista. Ele soube, diz a estudiosa, recuperar a tradição e integrá-la na vanguarda. Defende ainda que Armando, para além de poeta e etnólogo, foi um antropólogo cultural, tradutor da literatura oral e popular, estudos que só viriam a ganhar estatuto nas universidades na década de oitenta do século passado.

O regresso a S. Miguel desvia-lhe a poesia para o torrão natal. Vila Franca do Campo, pelos seus olhos, é um caleidoscópio de costumes, hábitos ancestrais, festas, romarias e procissões, atingindo peculiaridades que só a sua subtileza de Poeta foi capaz de desvendar. Atribui-se-lhe mesmo a criação do termo *açorianidade*. Mantém o seu pasmo sem fim e o questionamento metafísico face ao mar. Em 1940, Côrtes-Rodrigues publicou a peça de teatro *Quando o Mar Galgou a Terra*, dedicando-a ao seu bisavô que morreu no mar e ao pai que nasceu em pleno oceano Atlântico. A peça, que viria a ser adaptada para o cinema, em 1954, pelo realizador Henrique Campos, evoca a terrível catástrofe de 1522 que arrasaria quase por completo a primeira capital da ilha.

A sua relação com a Vila e o mar espraia-se nos excertos de um dos mais belos poemas de *Planície Inquieta*, o Poema de Vila Franca do Campo: *Esta vila é só Mar! (...) Aqui é que se vê / o ventre redondo do mundo, / túmido de água. / Aqui é que se mede / a imensa barreira líquida / que nos separa do resto dos homens*.

Eduíno de Jesus, o estudioso e único amigo vivo de Armando Côrtes-Rodrigues, considera "*Cantares da Noite*", publicada em 1942, a sua maior obra. Nela, o poeta retrata-se, desnuda-se, entrega-se, diz o autor.

Do lado de cá do mar, Armando Côrtes-Rodrigues não perdeu o contacto com o mundo. Manteve correspondência com vários amigos como Fernando Pessoa e Cecília Meireles. Na ilha privou com Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, Natália Correia, entre outros. Foi um dos sócios fundadores do Instituto Cultural de Ponta Delgada e director da revista *Insulana*. Colaborou nos periódicos *A Águia*, *Exílio*, *Presença*, *Cadernos de Poesia*, *Portucale* e *Atlântico*. Em 1953 ganhou o Prémio Antero de Quental com o livro *Horto Fechado e Outros Poemas*.



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA  
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**  
*Gabinete da Presidência*

Assim, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprova um voto de congratulação pelos cento e vinte anos do nascimento de Armando Côrtes-Rodrigues.

Aprovado, por unanimidade, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 23 de Março de 2011.

O Presidente da Assembleia Legislativa  
da Região Autónoma dos Açores

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral', written in a cursive style.

Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral